

SANTA CRUZ  
150  
ANOS  
de  
COLONIZAÇÃO ALEMÃ  
1849 - 1999

PROGRAMAÇÃO DE EVENTOS

Abril

16

Abertura Oficial dos Eventos

Local - Auditório da Unisc

Palestra: " Das hon ich von meiner Mama" (Isto eu aprendi com minha mãe)

Profª Dra. Ingrid Margareta Tornquist - Unisinós

Lançamento do Concurso: " Histórias sobre os 150 anos da Colonização Alemã"

17

Apresentação da Orquestra de Sopros do

Local - Auditório da Unisc

Centro Cultural Eintracht e Olinda Alessandrini ( piano)

Exposição Fotográfica: " Cenas do Cotidiano"

Local - Saguão do Bloco 01

Maio

13 e 14

Seminário:

Local - Auditório da Unisc

"Patrimônio Arquitetônico e Turismo Cultural"

18 e 25

Lazer: Danças - polca, xote e valsa

Local - Centro de Convivência

Exposição Fotográfica: " O Casamento"

Local - Saguão Bloco 1

Junho

Exposição Fotográfica: " A Mulher"

Local - Centro de Convivência

Julho

Lançamento de obras editadas pela Edunisc

Local - Centro de Convivência

Exposição:

Local - Saguão Bloco 1

A Imigração Alemã inspirando a UniarTE



## Agosto

14

Encerramento do prazo para entrega dos trabalhos do Concurso:  
*Histórias sobre os 150 anos da Colonização Alemã* ● Local - Protocolo

Mostra de Filmes e Documentários ● Local - Sala Souza Cruz e Unisc TV

A Evolução Urbana de Santa Cruz ● Local - Saguão Bloco 1

## Setembro

Exposição temática: *Mapas e Plantas Cartográficas* ● Local - Saguão Bloco 8

22 e 23

IV Seminário Nacional sobre o Desenvolvimento Regional:  
*Pensadores Alemães dos Séculos 19 e 20* ● Local - Sala Souza Cruz

Palestra da Dra. Angelika Gärtner, doutora em Linguística  
- Universidade de Dortmund, Alemanha:  
"A Língua dos Imigrantes: Situação Contemporânea" ● Local - Auditório

## Outubro

Exposição Fotográfica: *Festas do Fumo* ● Local - Saguão Bloco 1

## Novembro

10

Cerimônia da Entrega dos Prêmios do Concurso ● Local - Auditório

10 a 12

Simpósio: *Santa Cruz: 150 anos de Colonização Alemã*  
*Reflexões sobre a Cultura Colonial* ● Local - Auditório

Exposição Fotográfica: *Revisitando a Cidade* ● Local - Saguão Bloco 1

## Dezembro

Apresentação da orquestra  
*Sinfônica de Porto Alegre - OSPA* ● Local - Praça Getúlio Vargas

Exposição Temática: "*Calendários*" ● Local - Saguão Bloco 1

## Mai a Novembro

empre na primeira quarta-feira do mês, às 18h30m Sala Souza Cruz

Apresentação de Corais da Região

## SÍNTESE SOBRE A IMPLANTAÇÃO E EVOLUÇÃO DA COLÔNIA DE SANTA CRUZ

Maria Hoppe Kipper

Professora no Departamento de História e Geografia da UNISC. Coordenadora do Projeto "150 anos de Colonização Alemã", desenvolvido pela universidade.



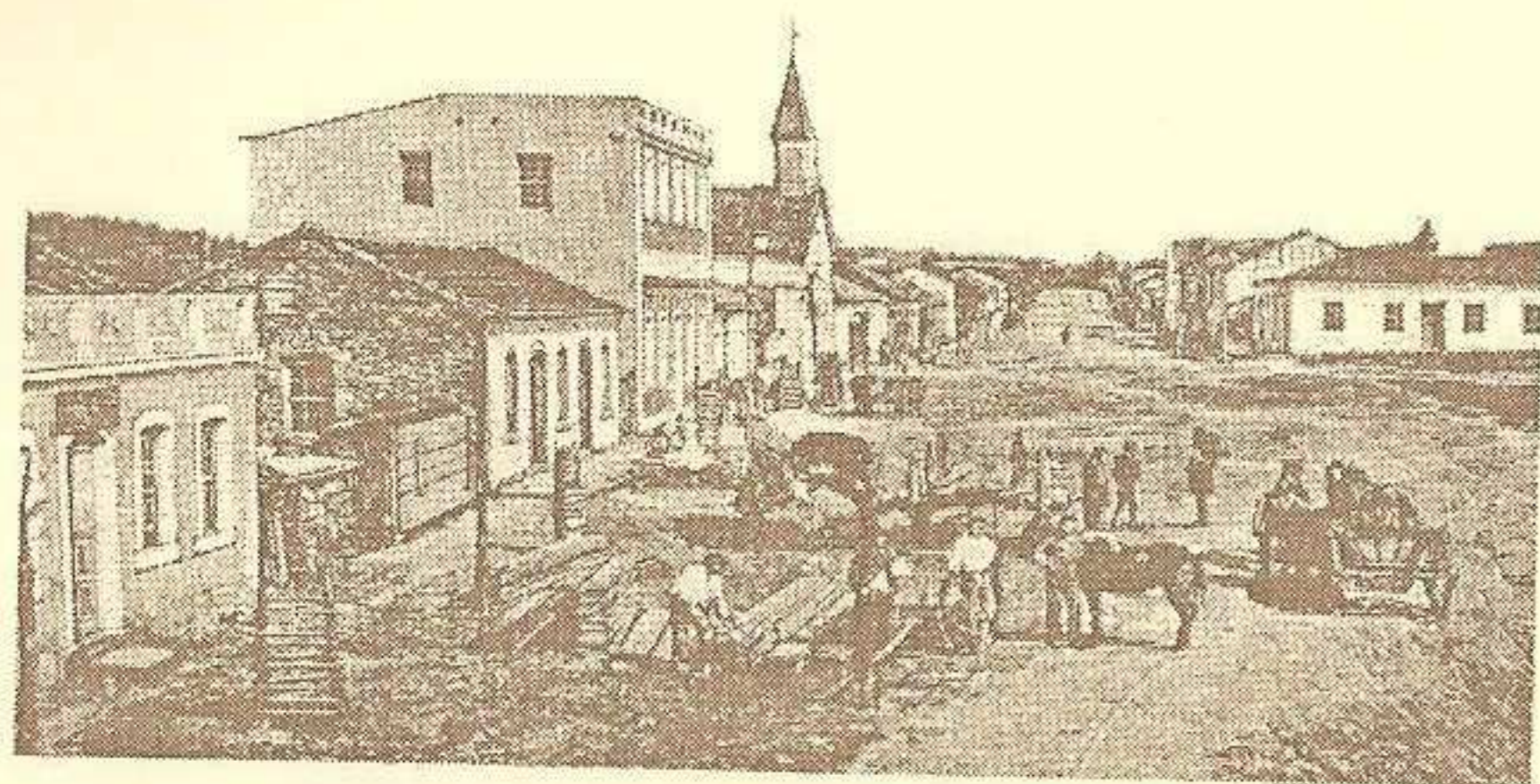


Foto 2 - Santa Cruz tornou-se, em pouco tempo, a mais próspera das colônias da segunda fase da imigração alemã.

Fonte: Museu do Colégio Mauá.

Em 19 de dezembro de 1849 chegaram os primeiros imigrantes alemães para ocupar os lotes coloniais que estavam sendo demarcados pelo engenheiro Cabral na Picada do Abel ou Picada Velha, hoje Linha Santa Cruz.

Eram apenas doze: uma família com 4 filhos e mais 5 homens e uma mulher. Estavam a meses em viagem. Saíram da Europa no navio "Bessel". Fizeram escala no Rio de Janeiro, onde tiveram contato com o imperador D. Pedro II, que mencionou que seu destino era a Colônia Santa Cruz. Continuaram a viagem, passando por Rio Grande e Porto Alegre. Na barca "Bela Francisca" seguiram pelo Jacuí até Rio Pardo. O trecho final da viagem, cerca de 8 a 9 léguas de caminho de terra foi feito em carretas de duas rodas que além das pessoas, levaram seus poucos móveis e objetos pessoais.

No mês seguinte, mais 76 pessoas chegaram e foram instaladas. Nos anos seguintes, sempre novas levas, que foram ocupando novas linhas coloniais ou novas colônias, como Rio Pardinho (1852), Dona Josefa (1854), Andréas, São João, Sinimbu (1857), Ferraz, Monte Alverne (1859) e a povoação de Vila Thereza (1866). Praticamente todas as terras disponíveis foram ocupadas em menos de 17 anos, de 1849 a 1866. No seu décimo aniversário a colônia tinha perto de 2.800 moradores, no vigésimo, mais de 10 mil.

Em sua pátria, a maioria dos imigrantes não eram agricultores e sim artesãos que se dedicavam a diferentes ofícios como: tecelões, carpinteiros, ferreiros, entre outros. Aqui, todos tornaram-se pequenos proprietários e agricultores e o artesanato serviu para complementar as necessidades da família. Sem conhecer técnicas agrícolas adequadas, sem conhecer o clima, o solo e as variedades de plantas, tiveram de aprender a fazer sua roça, derrubando a floresta nativa que cobria seus lotes.

À noite, animais selvagens, especialmente tigres, assustavam os colonos, rondando suas habitações e matando seus cães. Ferimentos, febres e mordidas de cobra podiam levar à morte, pois não havia médico nem boticário nos primeiros anos da colônia e os doentes precisavam ser levados a Rio Pardo.

Todos os membros da família dividiam os trabalhos na lavoura, pois os imigrantes não podiam ter posse e uso de escravos. A solidariedade e o auxílio mútuo eram importantes, tanto para dar hospedagem aos recém-chegados, como para acolher os órfãos, fazer mutirões para roçar as estradas e construir a escola e a igreja.

Se na Europa, às vezes, eles eram mais tíbios na fé, aqui as lutas e as dificuldades enfrentadas acentuaram sua religiosidade. Vieram para a região de Santa Cruz tanto imigrantes católicos como evangélicos. A maioria, cerca de dois terços, eram protestantes. E o Brasil era um país onde a religião católica era oficial, onde nem cartórios de Registro Civil haviam! Onde o registro de casamentos, batizados e enterramentos feitos pelo padre católico é que tinha validade legal! Mas não foram só os protestantes que tiveram problemas. Os colonos católicos, atendidos esporadicamente pelo padre de Rio Pardo, também não sabiam como se comunicar, pois ele não falava alemão!

A educação dos filhos foi logo uma preocupação. Embora em geral não tivessem estudos muito aprofundados, os colonos eram todos alfabetizados e faziam questão de garantir a instrução de seus filhos. Como o governo provincial não providenciou escolas, estas tiveram de ser criadas e mantidas pelos colonos. O professor, em geral, era alguém da comunidade. Em 1853, surgiu a primeira escola com o professor Erdmann Wolfram, que também foi contratado como pastor leigo pelos evangélicos. Nos anos seguintes muitas outras escolas particulares surgiram, entre estas o Colégio Mauá (1870), o Colégio São Luís (1871) e o Colégio Sagrado Coração de Jesus (1874).

Além da religiosidade e preocupação com educação, outras características dos imigrantes foram:

- seu esforço moralista de elevação dos costumes;
- o culto ao trabalho, ordem, disciplina e limpeza;
- o gosto pela música, canto, leitura e trabalhos manuais;



- a busca do convívio, do entretenimento em kerbs, quermesses e festas religiosas;

- a criação de um grande número de sociedades culturais e recreativas como: tiro ao alvo, cavalaria, ginástica, bolão, canto, orquestras.

No final de 1854, cinco anos após o início da colonização em Linha Santa Cruz, o governo provincial ordenou a demarcação de lotes urbanos para a instalação de um povoado. A área escolhida foi uma região relativamente plana, conhecida como Faxinal do João Faria, antigo proprietário de uma sesmaria de terras na região. Após a desapropriação de um quarto de légua de terras, foram demarcados os terrenos das oito quadras centrais da atual cidade. A partir de março de 1855 os primeiros lotes começaram a ser ocupados e o comércio desenvolve-se.

Santa Cruz foi a primeira colônia oficial, patrocinada e organizada pela Província. A colônia de São Leopoldo, instalada 25 anos antes, foi patrocinada pelo Império Brasileiro, mas este, desde 1830, não tinha mais patrocinado a imigração. Pelo Ato Adicional de 1834 o império passou essa tarefa para o âmbito provincial, mas como a província estava envolvida com a Revolução Farroupilha, somente em 1848 vai se preocupar com isso.

Nesse ano, o Presidente da Província, Francisco Soares de Andréa, justificou o interesse da Província na colonização, dizendo que ela iria:

- estimular a produção agrícola de alimentos
- contribuir para o povoamento de áreas devolutas
- garantir a manutenção das estradas
- ajudar a exterminar os tigres e obrigar os índios a buscar a civilização.

Sabemos que os imigrantes também eram vistos pelo governo como soldados em potencial, como mão de obra livre para se contrapor à escravidão e como possibilidade de surgimento de classe média e geração de mercado interno numa Província onde predominava a grande propriedade pecuarista.

Na época do surgimento da Colônia de Santa Cruz, a Alemanha ainda não estava unificada e era subdividida em diversos estados. Os primeiros imigrantes, com exceção de um, eram

todos da Silésia, mas as regiões que mais contribuíram para o povoamento da Colônia de Santa Cruz foram a Renânia e a Pomerânia, donde vieram 80% dos colonos.

As razões que fizeram os alemães emigrar foram:

- explosão demográfica e superpopulação;
- extrema pobreza, fome, insalubridade nas fábricas;
- dificuldades causadas pela Revolução Industrial, que liberou muita mão de obra que antes se dedicava à manufatura a domicilio, o Verlag;
- política de atração de imigrantes desenvolvida pelo governo através de agentes imigratórios. Na propaganda da Colônia de Santa Cruz atuou com muita eficiência o agente Peter Kleudgen, contratado pela Província;
- o sonho de "fazer a América", os relatos dos parentes que vieram antes e o sonho de ter terra própria.

Todos tinham o sonho de ter terra própria. Nos estados alemães havia grandes problemas fundiários. Na região ocidental, a propriedade estava excessivamente dividida. Na região oriental, o fim da servidão causou o aumento das propriedades e a expulsão dos ex-servos.

Os primeiros colonos receberam gratuitamente lotes de 160 mil braças, cerca de 77 hectares. A partir de 1854, depois de estar regulamentada a Lei de Terras de 1850, não foi mais possível a aquisição por doação. Os lotes tiveram seu tamanho reduzido para 48 hectares e passam a ser adquiridos por compra. O preço do lote foi fixado em 300 mil réis, o que equivalia ao preço de 100 sacos de milho, 38 sacos de feijão ou 60 arrobas de fumo na capital. Os prazos e as condições de pagamento foram bastante facilitados e variaram conforme a época, mas mesmo assim não foi fácil a obtenção da sonhada terra.

O governo provincial foi praticamente atropelado pela onda imigratória e a pressa na demarcação dos lotes coloniais gerou muitas irregularidades na medição. A solução foi refazer a medição de todos os lotes, trabalho que só foi concluído em 1881. Isso causou muitos problemas porque retardou a concessão dos títulos definitivos de propriedade.

A necessidade de conseguir recursos para pagar suas



terras obrigou os colonos a deixar a agricultura de subsistência que caracterizou os dez primeiros anos da Colônia. O fumo, plantado desde o início para o próprio consumo, tornou-se um dos principais produtos exportados, juntamente com o milho e o feijão. A produção agrícola da colônia, bastante variada, abrangia também a batata, a cana de açúcar, o trigo, a aveia, o centeio, o algodão, laranjas, pêssegos, figos, hortaliças e outros produtos de subsistência. Criavam-se porcos, galinhas, patos, gansos e animais de tração. Com o desenvolvimento da colônia logo surgiram indústrias coloniais de banha, lingüiças, sabão, charutos, cerveja e outras.

A exportação foi bastante dificultada pelo problema do transporte. Muitas picadas somente podiam ser atingidas por mulas. Um animal carregava no máximo dois sacos de 60k e não conseguia andar mais de 8 léguas por dia. O comerciante, que era em geral o transportador, levava de 30 a 60% do preço final só pelo transporte.

Quando as picadas se tornaram carreteiras, a carroça colonial, de quatro rodas, que podia transportar até 1500 quilos passou a levar a produção até Rio Pardo para ser escoada pelo Jacuí. Mesmo assim os problemas continuam porque ela muitas vezes atolava ou não conseguia passar quando havia enchente!

A inauguração do ramal ferroviário, em 1905, foi fundamental para o desenvolvimento da região que nessa época já tinha consolidado sua vocação fumageira. A facilidade de transporte fez imediatamente dobrar suas exportações.

A colônia de Santa Cruz teve sorte com seus primeiros administradores, em geral muito capazes e dedicados. O primeiro deles foi Evaristo Alves de Oliveira, que, após um ano de muito esforço, foi exonerado porque não sabia falar alemão. Depois dele foi nomeado Diretor da Colônia Johan Martin Buff, que permaneceu no cargo até 1859, ano em que a Colônia foi alçada à condição de Freguesia. Outros Diretores foram Antonio Prudente da Fonseca, Affonso Mabilde e Carlos Trein Filho.



Foto 2 - Johan Martin Buff.  
Fonte: Museu do Colégio Mauá.

Em 1872, por insistência da Câmara de Rio Pardo, a Colônia de Santa Cruz foi emancipada (deixando de ser considerada colônia) e passou a ser subordinada a Rio Pardo, como Distrito. Em 1878, tornou-se município autônomo, tendo instalada sua Câmara Municipal, a quem cabia a administração. A sede do município chamava-se Vila de São João de Santa Cruz.

Após a República o governo municipal passou a ser exercido por intendentes, eleitos ou nomeados pelo Presidente do Estado. Em 1905, por ocasião da visita de Borges de Medeiros para inaugurar a ferrovia, a vila foi elevada a cidade de Santa Cruz. Em 1944 passou a chamar-se Santa Cruz do Sul. Alguns marcos importantes na evolução da cidade:

- em 1889 foi inaugurado o prédio da Prefeitura Municipal e instalado o telégrafo;
- em 1891 surgiu o jornal *Kolonie* (que durou 50 anos);
- em 1906 a luz elétrica substituiu os lampiões;
- em 1907 foi inaugurado o Hospital Santa Cruz e a rede telefônica;
- em 1908 foi implantada a rede hidráulica, com captação a partir da Gruta dos Índios;
- em 1924 foi inaugurada a Igreja Evangélica;
- em 1939 foi inaugurada a Catedral;
- em 1944 foi instalado o Quartel;
- em 1945 foi criado o jornal *Gazeta*;
- em 1964, a 1ª. Faculdade: a de Ciências Contábeis.
- 1988, a RBS;
- em 1993, a Universidade.

Santa Cruz: 150 anos de colonização alemã. Uma trajetória de muita coragem, sonho, trabalho, esperança e realizações, que merece ser comemorada por toda a comunidade.



## Bibliografia

- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. v.1.
- RAMBO, Balduino. *A imigração alemã*. In: *ENCICLOPÉDIA Sul Rio Grandense*. Canoas: Regional, 1956. v. 1.
- CUNHA, Jorge Luiz. *Os colonos alemães e a fumicultura*. Santa Cruz do Sul: FISC, 1991.
- MARTIN, Hardy E. *Santa Cruz do Sul - de colônia à freguesia*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Santa Cruz do Sul*. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 25 de julho de 1974, p. 21-22.